A pluralidade do mundo na visão singular do correspondente internacional

Zélia Leal Adghirni
Doutora | Universidade de Brasília (UnB)
zeliadghirni@gmail.com

Resumo

O tema aqui apresentado pode ser definido como uma reflexão entre teoria e práxis sobre o modo de fazer jornalismo internacional pelos correspondentes brasileiros ligados a grandes estruturas de mídia. Nosso objetivo é cruzar a pluralidade do mundo das notícias com a leitura singular do presente narrado por jornalistas expatriados por razões profissionais, como correspondentes ou enviados especiais, trabalhando em condições legitimadas pelas empresas a quem prestam serviços exclusivos de notícias. Salientamos a importância do correspondente a partir do conceito de singularidade considerado por Adelmo Genro Filho (1987) como a matéria prima do jornalismo. Para estudar esse conceito, entrevistamos correspondentes, bem como as falas desses profissionais publicadas em livros e jornais.

Palavras-chave.

Jornalismo internacional, correspondente, singularidade jornalística

1 Introdução

Não tenho a intenção de fazer um estudo exaustivo sobre a distribuição geopolítica dos correspondentes nem citar nomes e lugares segundo critérios quantitativos. Ouso ir além do singular do jornalismo para falar da singularidade do jornalista. Nesse sentido, solicito "licença poética" para me expressar na primeira pessoa do singular, a fim de cruzar

minha experiência de ex-correspondente no exterior (práxis) com a de professora/pesquisadora em tempos de mudanças estruturais no jornalismo (teoria)[1].

Permito-me recorrer à memória da repórter que fui, na França, para alguns jornais brasileiros entre 1970 e 1980. Primeiro, como correspondente do *Coojornal*, órgão da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre. O jornal foi acusado de ser financiado pelos Tupamaros –Movimento de Libertação Nacional (MLN), grupo de guerrilha uruguaio –, o que gerou um pedido de busca do Serviço Nacional de Informações (SNI) e me obrigou a permanecer mais tempo no exterior por medida de segurança.

Trabalhei também para o jornal gaúcho *Zero Hora*, em colaborações periódicas segundo as prioridades da agenda internacional jornalística (política, economia, cultura). Um dos momentos mais pungentes na minha vida de repórter foi a cobertura do retorno do oficial nazista Klaus Barbie para a França, onde ficara conhecido com o nome de "carrasco de Lyon". Barbie foi um dos responsáveis pelo Holocausto e pela prisão do herói da resistência francesa, Jean Moulin. Preso na Bolívia, em 1983, Barbie foi extraditado para a França. Julgado e condenado à prisão perpétua em processo histórico, Barbie morreu em 1991, aos 77 anos, em Lyon.

Entrevistei sobreviventes dos campos de concentração e um dos companheiros de Jean Moulin que teria sido entregue aos nazistas por Barbie. Foi no jardim da prefeitura de Caluire que conversei com o prefeito Dugoujon. Ele me mostrou o lugar exato onde caiu Moulin, vítima da delação de um dos companheiros.

Como *free lancer* do *Estado de S. Paulo*, tive o prazer de fazer, durante alguns anos, a cobertura do Festival Internacional de Cinema de Cannes, a convite da jornalista Cremilda Medina, na época editora de Cultura do *Estadão*. Naquele tempo, fui até entrevistada por uma rádio local por ser a mais jovem jornalista naquele imenso festival coberto por cerca de dois mil jornalistas (atualmente esse número deve ter triplicado). Meu trabalho era perfeito para uma repórter: cobrir conferências de imprensa, realizar entrevistas exclusivas, descrever "clima e ambiente" (como se dizia na época, nada a ver com o sentido atual de meio ambiente), participar de festas e jantares para jornalistas VIPs. No meu caso, o *Estado de S. Paulo*, como jornal de referência, ocupava um lugar especial na seleção dos convidados. Foi assim que tive a honra de jantar ao lado do ministro da cultura francês, Jack Lang,

[1] Aproveito para expressar meus agradecimentos especiais a Renata Silveira Rusky, pela monografia de conclusão de curso de Jornalismo *O perfil e a rotina profissional de correspondentes internacionais*, defendida, sob minha orientação, em fevereiro 2012.

recém-empossado no primeiro governo socialista de François Mitterrand (1981). Na mesa, Romy Schneider, se limitava a emitir sorrisos luminosos já que, conhecida pela extrema timidez, pouco falava em público. O *Estadão*, poderoso e rico naqueles anos, dava-se ao luxo de ter repórter, fotógrafo e um crítico de cinema ao mesmo tempo em Cannes. Eu estava com um dos mais brilhantes especialistas na área, o jornalista José Carlos Avelar.

Pela manhã, recebíamos a agenda das estrelas e diretores no escaninho do Palácio do Festival, na avenida Croisette. Com isso, podíamos marcar nossos compromisso e solicitar entrevistas exclusivas. Foi assim que fui tomar café da manhã no Hotel Carlton, com Brook Shields, a menina de *Pretty Baby*, filme ousado de Louis Malle, que chocou Cannes.

Tudo isso sem falar nos quatro filmes obrigatórios por dia em competição, cujas projeções começavam às 10 da manhã, além sessão solene da Palma de Ouro. Em sessões paralelas, eram centenas de filmes que jamais daríamos conta de ver. Precisava selecionar e não me deslumbrar com a presença física de astros e estrelas consagrados. O mundo era puro *glamour*, até que se apagassem as luzes no 15º dia do festival.

Numa era pré-histórica, bem antes da telefonia móvel e tecnologias digitais, trabalhávamos numa grande sala com máquinas de escrever com teclado francês que crepitavam ruidosamente sob dedos nervosos de jornalistas que falavam todas as línguas do mundo. Mas como enviar? Quando havia pressa, ditava por telefone para alguém na redação em São Paulo, que escrevia minha versão. Mas era um sistema oneroso e passível de erro. Outro método, mais usado, era passar o texto para os operadores de telex, que digitavam nossas matérias através de sinais. Não havia a pressão do tempo real. Redigia uma ou duas matérias por dia, enquanto Avelar se ocupava da crítica cinematográfica.

Estas eram as formas mais modernas de enviar nossa produção jornalística às matrizes. Em Paris, também mandei muitas matérias pelas asas da Varig. Bastava ir ao escritório da empresa de aviação brasileira, luxuosamente instalada nos Champs Elysées, e depositar o envelope com textos datilografados na minha Olivetti Lettera – portátil, cor de laranja. O jornal publicaria uma nota de rodapé com agradecimentos à gentileza da Varig. Quando o assunto era urgente, a solução era levar a matéria até o aeroporto de Orly e entregar diretamente ao piloto que se encarregava de colocar nas mãos de um *office-boy* do jornal que estaria no aeroporto.

Do pombo correio ao twitter, a notícia sempre deu um jeito de chegar o mais rápido possível ao leitor. Mas uma distância enorme separa a Era do Gelo do jornalismo da Era da

Internet. Em pouco mais de 30 anos nas reminiscências de minha memória, as palavras deixaram de voar nas asas da Varig para navegar no ciberespaço de infinitas possibilidades.

Como se faz jornalismo internacional hoje? Como trabalham os repórteres, correspondentes e enviados especiais? Ainda tem sentido manter um jornalista no exterior com todas as possibilidades de acesso à informação oferecidas pela web? Com a crescente especialização das agências de notícias, ainda as mesmas contra as quais se ergueram as vozes do mundo, no célebre relatório MacBride, produzido nos anos 1970 pela Unesco – *Um mundo e muitas vozes* –, será que as mídias precisam mesmo de correspondentes exclusivos?

Cabe ressaltar que as pesquisas indicam a década de 1970 como o período áureo do jornalismo internacional brasileiro, época em que trabalhei para jornais brasileiros na França e no Marrocos.

Segundo Agnez (2012, p.85), em meio à ditadura militar, quando pouco se podia noticiar sobre o que acontecia no país, as informações de outras regiões ganhavam ainda mais destaque. Além disso, foi o período em que o país manteve mais correspondentes no exterior, que tinham mais do que a missão de reportar os fatos, mas, sobretudo, de atuar como comentaristas, estabelecendo análises conjecturais. Destacam-se, nesse período, as figuras de grandes jornalistas, como Paulo Francis, Reali Júnior, Cláudio Abramo, entre outros.

Os jornais impressos hoje são responsáveis por 44% dos correspondentes brasileiros no exterior, contra 47% de enviados por emissoras de televisão, as quais, nos últimos seis anos, têm feito um esforço maior no sentido de enviar jornalistas para o exterior. Mais de 20% desses correspondentes estão localizados em sete países :Estados Unidos, França, Inglaterra, Argentina, Itália, China e Venezuela. Também há jornalistas que são mais ou menos ativos segundo as circunstâncias e o ritmo dos acontecimentos mundiais (AGNEZ, 2012, p. 92)

2 A construção da singularidade do olhar

O que é necessário para ser correspondente internacional?

A pergunta surgiu durante uma aula de "Introdução ao Jornalismo", na Universidade de Brasília (UnB), quando falava sobre jornalismo internacional para uma turma de 40 alunos. Pega de surpresa, dei-me conta da pobreza bibliográfica brasileira sobre o tema, e improvisei uma resposta segundo um certo senso comum nos meios profissionais. Levei em

consideração minha experiência de correspondente no exterior no final do século passado. Tempos remotos, outras histórias. No ano de 2013, no terceiro milênio, não se pratica o mesmo modo de fazer jornalismo. E o jornalista teria, ainda, um papel importante como testemunha e narrador dos fatos da atualidade? Essas considerações me levaram a ordenar o pensamento em busca de uma abordagem contextualizada da questão.

Como conduzir esta reflexão sem cair no discurso do determinismo tecnológico, na crise das empresas, do modelo de negócios, de tabelas e gráficos catastróficos sobre a morte do jornalismo?

Tendo concentrado minhas pesquisas ultimamente na sociologia do jornalismo e nas mudanças estruturais que mexem com o perfil e a identidade dos jornalistas, resolvi lançar um olhar sobre a vivência e as rotinas profissionais de alguns correspondentes. Critérios de escolha? O prestígio das mídias e dos jornalistas que as representam em alguns lugares do planeta, selecionados por meio de leituras e observação dos trabalhos divulgados, tanto na televisão quanto nos jornais. Escolhas não apenas minhas, mas seguindo também os trabalhos de alguns alunos que se dedicaram ao assunto em teses, dissertações e trabalhos de conclusão de cursos de graduação. Também busquei fundamentos na leitura de blogs e livros escritos por alguns correspondentes (Trevisan, Netto, Fino, Kapuscinky, Fisk, entre outros citados nas referências bibliográficas).

Ao eleger uma pequena lista de jornalistas correspondentes para elaborar esse trabalho, procurei traçar minha leitura a partir do viés da singularidade proposto por Genro Filho (1987, p.164) como matéria prima do jornalismo, que oferece uma chave para a compreensão de acontecimentos complexos e interpretação dos sentidos em que os acontecimentos emergem. “O singular, então, é a forma do jornalismo, a estrutura interna através da qual se cristaliza a significação trazida pelo particular e o universal que foram superados.”

A narrativa não é uma mera descrição dos fatos, mas uma maneira de pensá-los. A presença do jornalista no lugar onde os fatos acontecem, além de servir de testemunho, ultrapassa a descrição dos próprios fatos. Pela obra de grandes jornalistas que foram correspondentes de guerra, como Ernest Hemingway e Robert Fisk, os registros vão além dos acontecimentos para se entrelaçar com a história e a literatura. A experiência de narrar as histórias que produzem sentidos contém sua própria singularidade.

O jornalismo é um conhecimento do mundo que não tem base na universalidade, mas na singularidade, e também é uma forma social de conhecimento – mas não de um conhecimento qualquer, é um conhecimento cristalizado no singular (GENRO FILHO, 1987, p. 90). Ao propor a singularidade como uma teoria do jornalismo, o autor sugere que o jornalismo é uma forma social de conhecimento diferenciado da ciência e da arte: não pretende que os fatos narrados tenham caráter de verdade universal nem que sejam repetidos para se tornar verdade científica.

Segundo Medina (2006, p. 84), no universo simbólico não há uma verdade absoluta, mas um processo de conflito de verdades: "A máxima conservadora do marketing jornalístico – a busca imparcial da verdade – cai por terra nessa consciência profissional. Ao agente da cultura chamado jornalista cabe produzir narrativas atravessadas por contradições, embates de visão do mundo, incertezas, interrogações".

A dimensão de singularidade do olhar do correspondente se estende às relações que o jornalismo estabelece com a antropologia, com a história e com a literatura porque vão além do registro do instante jornalístico. Eles produzem sentido ao atribuir significados entre distâncias e culturas. "Correspondentes internacionais são um tipo de antropólogo ou antropólogos são um tipo de correspondente internacional na medida em que ambos empenham-se para reportar sobre uma parte do mundo para outra" (HANNERS, 2004, p. 123).

Descrever a atualidade é uma forma de capturar o tempo, de subsidiar o historiador do futuro sobre a história do presente.

Dizíamos em textos anteriores que a ideia cultivada pelo senso comum de que o jornalista é uma testemunha ocular da História tem um percurso antigo que se perde na linha do tempo. Correspondentes estrangeiros ou enviados especiais em zonas de conflito muitas vezes são imbuídos desse ideal e partilham da crença de que têm uma missão a cumprir: contar o mundo ao mundo através da lente singular do repórter que descreve, narra e interpreta os fatos (PEREIRA; ADGHIRNI, 2012).

O que move o jornalista? Para Carlos Fino (2003, p. 259), há uma espécie de imperativo categórico da profissão ao qual não podemos nos eximir. Estamos aqui dispostos a arrostar com sacrifícios e a arriscar a vida em nome de quê? Porque somos missionários da verdade e é esta a nossa vocação? Ou porque aceitamos ser os tamborileiros da corte em troca de uma vida de aventura, transformados em peregrinos sem fé?"

3 O singular na voz dos correspondentes

Para dar conta dessa proposta, usamos também a definição de singular oferecida pelo verbete do *Dicionário de Aurélio* (FERREIRA, 1974, p. 1316): "único, individual, especial, raro, extraordinário, número que indica uma só coisa ou só coisa ou pessoa". É esse um dos sentidos que atribuímos ao jornalista correspondente ao falar de singularidade.

É pelas narrativas dos correspondentes que o singular aflora.

O fato de Hannah Arendt ter comparecido ao julgamento de Eichmann em Jerusalém como repórter da revista *New Yorker* – a matéria foi publicada numa série de cinco reportagens condensadas no livro *Eichmann, um relato sobre a banalidade do mal*, em 1963 –fez toda a diferença para narrar fatos de grande relevância para a humanidade.

As memórias de Joel Silveira como correspondente de guerra junto aos soldados brasileiros na Itália são um exemplo fundamental para justificar nossa visão de que o olhar do correspondente é singular. Não apenas modifica o sentido da notícia como modifica o próprio jornalista – "Fiquei 20 anos mais velho", disse Silveira, a Geneton Moraes, no documentário para a *Globo News*, "Garrafas ao mar: a víbora manda lembranças".

O correspondente projeta expectativas, analisa, recua, se envolve e se distancia para construir seus relatos.

Selecionamos alguns trechos de livros e reportagens escritos por jornalistas em missão de cobertura no exterior. São temas e momentos diferentes, em diferentes lugares. Mas todos refletem a posição do correspondente a partir de um ângulo de visão singular da realidade.

Claúdia Trevisan, correspondente do *Estado de S. Paulo* na China

> Quando embarquei em direção a Pequim no dia 19 de março de 2004 tinha uma ideia bastante vaga do que encontraria do outro lado do mundo depois de quase trinta horas de viagem, incluindo uma escala em Amsterdã. Sabia que estava me mudando para um país onde o superlativo parece dar a medida de todas as coisas: o mais populoso do mundo, o que cresce mais rapidamente e o que se transforma da maneira mais radical já vista em tempos recentes. Tinha bem delineado o contorno do país, em infindáveis estatísticas mas não conseguia ver sua substância e muito menos como seria um dia depois do outro na China (TREVISAN, 2006, p. 15).

Samy Adghirni, sobre a execução, por enforcamento em praça pública, de dois prisioneiros iranianos.

> O silêncio se instala quando os homens de capuz preto acomodam cada um dos condenados no alto dos patíbulos, improvisados na caçamba dos caminhões com tambores de combustível. O alto falante agora entoa suratas (versículos) do Corão. Mãos amarradas nas costas, o primeiro condenado mexe a cabeça até conseguir beijar a corda em seu pescoço. O segundo ergue a cabeça e grita: Sou inocente, abaixo o regime dos mulás, repete três vezes, gerando um tenso frisson (ADGHIRNI, S., 2012, p. 6).

Andrei Neto, no momento em que foi preso e estava prestes a ser executado na Líbia

> Então fui assaltado pela impressão de que meu destino poderia estar selado, e que eu viraria mais um corpo atirado ao deserto, desaparecido para sempre [...]. Me preparei para a execução, sentindo uma tristeza imensa. [...] Nesse instante eterno, me senti só. Um buraco se abriu em meu peito e fui invadido por um vazio profundo [...] sabia que, se acontecesse, seria ali, rápido, sem torturas, sem sofrimento. Lamentei a dor eventual de minha família e das pessoas mais importantes de minha vida [...] mas não lamentei nada além do sofrimento alheio nem me arrependi das decisões que tomara. Me senti digno e seguro de minhas escolhas, de todas. E tive certeza de que assumiria todos os riscos de novo, sem hesitar, porque aqueles riscos fazem parte da vida que escolhi (NETO, 2012, p. 191).

Joel Silveira descreve o menino morto que viu no Bogotazo, a revolta popular que se seguiu à morte de um líder popular colombiano, em 1948. Trecho extraído do documentário realizado por Geneton Moraes para a *Globo News* " Garrafas ao mar: a víbora manda lembranças"

> Estive no Cemitério Central de Bogotá, em afazer de repórter,para ter uma ideia aproximada do saldo de mortos deixado pela explosão popular. Nunca, em toda minha vida, nem mesmo nos meses de guerra, estive diante de mortos tão mortos. Somente aquele menino – não mais de oito anos – morrera cândido, de olhos abertos, um começo de sorriso nos lábios. Os olhos vazios fixavam o céu de chumbo. As mãos de unhas sujas e compridas pendiam sobre a laje dura – como os remos inertes de um pequeno barco. Um funcionário qualquer aproximou-se, olhou por alguns segundos o menino morto, procurou sem achar alguma coisa que ele deveria trazer nos bolsos. Tentou em seguida fechar com os dedos os olhos abertos, mas não conseguiu. Abertos e limpos, os olhos do menino morto pareciam maravilhados com o que somente eles viam, com o que queriam ver para sempre.

Zélia Leal, em reportagem sobre o processo de Klaus Barbie, oficial nazista, na França para *Zero Hora*

> Entre uma entrevista especial para a televisão americana e uma coletiva para canais suecos e noruegueses, o Doutor Dugoujon (como todos o chama aqui, ele é médico) concede alguns minutos para *Zero Hora*. Dugoujon esteve preso no forte Montluc com seus companheiros antes de ser enviado ao campo de trabalhos forçados.
>
> — E de Klaus Barbie, o que o senhor lembra ?
>
> — Minha filha, quando se teve um homem como esse assim, face a face, olhos nos olhos, a gente não esquece jamais. Veja como... (o prefeito me segura pelos ombros e se detém de pé, face a mim, com seus olhos azuis desbotados fixos nos meus). É quando este homem que te olha assim, te ameaça, te encosta um revólver na barriga e diz 'fala se não te arrebento as tripas', a gente não esquece jamais. ("Na casa onde foi preso Jean Moulin, Zero Hora, Porto Alegre, 20.02.83, p.33)

Robert Fisk, correspondente no Oriente Médio do jornal britânico *The Independent.*

> Estávamos reagindo diante dessas tragédias constantes de vida e morte? Eu diria que não, que o jornalismo deveria ser uma vocação. Podemos nos enfurecer com a morte, mas não estamos ali para chorar. Os médicos - não estou comparando o jornalismo com a profissão médica – não choram enquanto operam os doentes graves. Nosso trabalho é registrar, apontar com o dedo quando podemos, desafiar os 'centros de poder' sobre os quais Amira Hass falou com tanta coragem. Porém, eu me sentia exausto. Havia momentos em que perguntava quanto tempo mais continuaria atravessando o Atlântico de avião, fugindo dos sequestradores em Bagdá, cada vez mais atônito diante da crescente tragédia do Oriente Médio" (Fisk, 2005, p. 1414).

Blog de Diego Bercito, correspondente da *Folha de S. Paulo* em Jerusalém (31/05/13)

orientalissimo.blogfolha.uol.com.br

> Foram, em dois dias, 36 comentários a respeito do que vocês pensam sobre Gaza. Do que concluo, apesar de poder estar enganado, que os leitores deste 'orientalíssimo' blog estão bem informados a respeito da situação na região – mas talvez tenham uma imagem incompleta de como é a vida nesse estreito poeirento de terra. Pode ser instrutivo, então, contar um pouco de como foi minha viagem durante esta semana. [...] Eu queria poder imprimir minhas memórias e entregá-las a vocês em uma pasta. Descrever é difícil. De dentro do táxi, olhava para as ruas e tentava comparar a cena com outros lugares que conheço. Me parece mais arejado do que Damasco, mas menos sofisticado. Mais limpo do que a Dar es Salam, mas mais desumanizado. Mais organizado do que o Cairo, mas menos vivo. Se acordasse de repente em uma rua qualquer, poderia acreditar que estava em um bairro pobre de Tel Aviv.

Muitas vezes a relação do jornalismo com a história se tece pela voz do correspondente.

O jornalista polonês, Ryszard Kapuscinski, é um dos mais legítimos representantes dessa espécie de narrador privilegiado da história. Ele utiliza o "Pai da História" para narrar suas primeiras experiências de viagem como repórter no livro *Minhas viagens com Heródoto: entre a história e o jornalismo* (2004)

Kapuscinski aprenderia, com Heródoto, não apenas os caminhos percorridos pelo grego na descoberta dos grandes impérios persas e egípcios, mas teria suas primeiras lições de jornalismo. Para o polonês, *História,* de Heródoto, teria sido a primeira grande reportagem da literatura mundial.

Em noites solitárias na África ou nos labirintos da Índia, sem falar uma palavra sequer em qualquer idioma a não ser o polonês, Kapuscinski tinha o livro *História* como seu único guia, sua bússola, seu companheiro de viagem. O autor mergulha em uma dupla viagem de descoberta: a sua, como jornalista da atualidade; e a de Heródoto, que descreve o mundo cinco séculos antes de Cristo. Heródoto é, para Kapuscinski, guia e amparo em suas andanças pelo planeta, procurando resquícios de uma arqueologia da notícia. Como Heródoto se deslocava 2.500 anos atrás? Como percorria desertos e mares? Como atravessava fronteiras geográficas e culturais? Tinha escravos? Tinha tradutores? Andava a cavalo ou a pé? Como trabalhava? (ADGHIRNI; PEREIRA, 2012).

Para Kapuscinski (2004, p. 116), Heródoto era "um repórter nato: viaja, olha, conversa, escuta – para depois tomar nota daquilo que descobriu e viu, ou então simplesmente para não esquecer". Com Heródoto, o jornalista polonês aprendeu não apenas as técnicas das narrativas jornalísticas, mas, sobretudo, o desejo de tentar compreender e respeitar as culturas alheias. "O fato é que Heródoto jamais se rebela ou critica diferenças e costumes; seu propósito é conhecer, compreender e descrevê-las" (KAPUSCINSKI, 2004, p. 121).

Assim como o jornalista polonês, os correspondentes de hoje também, muitas vezes, são jogados no mundo sem qualquer conhecimento prévio da realidade que os aguarda. Na maioria das vezes, desconhecem língua e cultura dos países onde se desenrolam os fatos que devem cobrir.

> Passei noites em claro tentando descobrir algo sobre os guerrilheiros nas selvas da Birmânia e na Malásia, sobre os levantes em Sumatra ou em Sulawesi, ou ainda sobre a rebelião da tribo Moro, nas Filipinas. Mais uma vez o mundo se apresentou como algo gigantesco, impossível de ser penetrado e compreendido (KAPUSCINSKI, 2004, p. 87).

4 Perfis, trajetórias, rotinas singulares

Reunir perfis, identidades, relatos e experiências de alguns profissionais foi o ponto de partida para elaborar a ideia da singularidade do olhar do correspondente.

Partimos dos depoimentos de quatro jornalistas que aceitaram participar do trabalho de conclusão de Renata Rusky[2] (2013) dentre os 15 profissionais que ela procurou para realizar a pesquisa.As entrevistas foram feitas por skype, e por e por e-mail. Procurei extrair das falas desses jornalistas aquilo que se articulava com meu propósito. Além disso, nessa etapa final do trabalho, busquei estabelecer contato com outros jornalistas escolhidos segundo critério de reconhecimento profissional e que aceitaram responder minhas perguntas, dentre as quais a jornalista Cláudia Tevisan, correspondente do *Estado de S. Paulo* na China durante cinco anos de onde saiu para ocupar o posto de correspondente em Washington. Como já tínha usado algumas citações e aspas de outros correspondentes por meio de fonte bibliográfica (livro, documentário, artigos de jornal e autorreferência em trabalhos publicados como jornalista no passado), procurei estabelecer relações entre falas e textos de modo a construir a noção de singularidade.

Observamos que dos quatro jornalistas entrevistados por Rusky, três nasceram no exterior e foram bilíngues desde que aprenderam a falar: Carlos de Lannoy nasceu no Uruguai, Ariel Palácios na Argentina e Samy Adghirni na França, todos de casais com dupla nacionalidade. Não acreditamos que seja uma regra, apenas uma curiosidade.

Distinguir a situação do correspondente fixo do enviado especial é um ponto fundamental para os jornalistas entrevistados.

Nas palavras de Samy Adghirni, "correspondente é um jornalista baseado de forma permanente numa cidade diferente da sede do seu veículo. Enviado especial é o profissional deslocado de sua base para uma determinada cobertura temporária, geralmente de curta duração."

Não é simples identificar quais são as características específicas de um repórter para ser um bom correspondente, conclui Rusky (2013, p. 17), ao analisar os perfis dos

[2] Os jornalistas entrevistados por Rusky foram os seguintes: Andre Luiz Azevedo ,correspondente da *Rede Globo* em Lisboa, Portugal; Ariel Palacios , correspondente da *Globo News* e do *Estado de S. Paulo* em Buenos Aires, Argentina; Carlos de Lannoy correspondente da *Rede Globo* em Jerusalém, Israel, na época (já de retorno ao Brasil), para cobertura do Oriente Médio Samy Adghirni (S.A.), correspondente da *Folha de S. Paulo* em Teerã, Irã. Todas as referências a estes quatro jornalistas tem como fonte o trabalho realizado por Renata Rusky. A entrevista com Cláudia Trevisan foi concedida, por e-mail, no dia 5/6/13 a autora deste texto.

correspondentes selecionados para sua pesquisa. Ela atribui ao editor o poder de observar o potencial de sua equipe, e ao jornalista inspirar a confiança do editor.

> Para os que possuem experiência, conhecimento, instrução, habilidade e a sorte de sobreviver aos rigorosos testes do jornalismo prático, o privilégio de cobrir os acontecimentos nacionais e internacionais do nosso tempo é o maior prêmio que lhes pode conferir a profissão (HOHENBERG, 1981, p. 176).

"Experiência e capacidade de lidar com assuntos diversos" explicam, para Azevedo, a escolha de seu nome para ser correspondente em Portugal após 40 anos de reportagem, 30 deles na *Rede Globo*.

Para Samy Adghirni, antes de mais nada, é preciso ter alguma vocação cosmopolita, demonstrar interesse pessoal por coisas de outros países. "Muitos jornalistas consagrados nacionalmente simplesmente não se interessem pelo noticiário global. Correspondente tem que ter cabeça aberta para entender e não julgar o 'exótico', possuir bagagem intelectual e dominar idiomas".

A fluência em outras línguas, principalmente o inglês, é destacado por Lannoy como fator fundamental. Segundo Patrícia Poeta, que foi correspondente da *Rede Globo* em Nova York (2002-2007), "fazer uma entrevista ou cobrir um importante pronunciamento em outra língua exige muito do repórter. Falar inglês, por exemplo, em viagem de férias ou em bate papo com amigos é uma coisa. Traduzir o discurso do presidente ou entrevistar secretário de defesa é bem diferente" (Rusky, 2013, p.11).

Samy Adghirni, que já consegue se comunicar em farsi após quase dois anos de residência em Teerã, diz que aprendeu mais facilmente a língua dos persas porque conhecia o alfabeto árabe. Mas, em certas situações, como no Irã, nem os rudimentos da língua ajudam, pois no País são falados vários dialetos.

Como os jornais escolhem os correspondentes é um processo que varia de empresa para empresa. Não há critérios objetivos. Muitas vezes, é considerado um prêmio ou uma recompensa. Na *Folha de S. Paulo*, por exemplo, há dois tipos de correspondente: os bolsistas, com "perfil júnior" e escolhidos mediante concurso interno; e os correspondentes plenos, escolhidos pela diretoria do jornal para ocupar seus cargos até uma das partes (jornalista e direção do jornal) decidirem por mudança ou fechamento de posto.

Em muitos grandes veículos internacionais, agências principalmente, correspondentes funcionam numa espécie de rodízio semelhante ao da carreira de diplomata. O correspondente fica quatro anos em Genebra, e depois é removido para outro posto, em função da disponibilidade e do mérito. Mas são muito frequentes os correspondentes *free-lancers*, sem vínculos formais com a empresa.

Samy Adghirni critica a ideia segundo a qual a internet democratizou a informação e qualquer um pode ser jornalista:

> Correspondentes custam caro e são, em tese, facilmente descartáveis diante da fartura de fontes de substituição, como agências de notícias e os chamados jornalistas cidadãos, que poluem a internet com conteúdo militante. Mas o mundo precisa mais do que nunca de profissionais capazes de ajudar a entender o mundo. Um correspondente representa um olhar próprio e às vezes exclusivo sobre um determinado país. É um valor agregado imenso em termos de informação diferenciada.

Ao falar sobre a trajetória profissional e as condições de inserção no país de residência temporária, os entrevistados ressaltam dificuldades iniciais de adaptação, principalmente com o idioma e a cultura local.

A maioria concorda com a afirmação de Fritz Utzeri (1989, p. 7), segundo a qual ser correspondente é como ser foca novamente. "Quando um chega, o outro sai", diz Azevedo. "A ideia nesta troca é passar o bastão, o anterior passa orientações ao sucessor". Mas nem sempre isto ocorre. Samy Adghirni, por exemplo, é o primeiro e único jornalista brasileiro credenciado no Irã. Não havia ninguém para dar explicações. "Tive que aprender sozinho", diz ele, apontando muitas dificuldades surgidas no início. "A primeira é de ordem logística e material. Instalar-se e equipar-se na nova base exige paciência e senso prático. A segunda é operar num ambiente estranho e às vezes hostil, como em países com governos autoritários. Acostumar-se com o novo contexto legal, cultural, social e político leva tempo. A terceira dificuldade é achar fontes e contatos. Quando se trata de simples troca de correspondente, quem sai ajuda quem chega com uma listinha de contatos e dicas – na prática, isso nem sempre funciona. A quarta é achar uma velocidade de cruzeiro para a rotina produtiva – contato com o jornal, gestão de fuso horário, agilidade para conciliar coberturas factuais e reportagens especiais etc.", completa o correspondente brasileiro no Irã.

Segundo Cláudia Trevisan, o trabalho de correspondente é muitas vezes solitário e exige que o jornalista desempenhe várias funções que na redação costumam ser entregues a diferentes pessoas, especialmente as de pauteiro, repórter e editor:

> Conheci pessoas que não se adaptaram ao isolamento do cotidiano do correspondente e decidiram voltar à Redação. Essa solidão era acentuada na China, que está 11 horas à frente do Brasil. Eu começava meu dia quando o jornal estava no fechamento e tinha que tomar uma série de decisões, como definir a pauta e o enfoque dos textos. Como qualquer repórter, o correspondente deve ter iniciativa e ser propositivo, sob o risco de ser massacrado pela agenda do dia (entrevista para a autora).

Aos iniciantes, os veteranos recomendam "muita paciência, perseverança e criatividade para contornar problemas e encontrar boas pautas. E tentar não odiar nem amar demais o país em que vivem, senão contamina o trabalho. Jamais usar seu papel de jornalista para acertar contas pessoais com o país." Carlos de Lannoy explica:

> A gente começa do zero porque apesar de uma lista de contatos que recebemos normalmente, dos amigos ou do correspondente anterior, você está realmente começando a conhecer quem são as pessoas que dão informações, qual o caminho das pedras para conseguir produzir uma pauta, quais são os problemas culturais, entraves que podem surgir se você não conhecer a língua ou não conhecer a história local.

Quanto ao uso de técnicas e ferramentas para o envio do material, todos afirmam que a internet e o telefone são imprescindíveis. Gravador e bloco de notas para entrevistas são também indispensáveis, assim como o *smartphone* e a câmera para ocasionais fotos e filmagens. Jornalistas que cobrem zonas de conflito citam o colete para-balas como equipamento de trabalho com os quais têm que aprender a lidar. "Caro, incômodo, pesado. É como se você corresse com um sofá nas costas", diz Samy Adghirni, que complementa:

> Trabalho em casa e administro meu tempo. O bom é o conforto de poder tomar um cafezinho caseiro e dar uma deitada rápida em caso de cansaço extremo. O ruim é estar sempre conectado e sempre trabalhando. Mesmo nas folgas preciso responder emails de trabalho, resolver burocracias, acompanhar com atenção o noticiário, ler análise e estar sempre atento a possíveis pautas.

Quando se trata de falar sobre a valorização profissional, a maioria concorda que a atividade de correspondente internacional ainda carrega uma aura de *glamour*. São vistos

com respeito e admiração pelos colegas embora achem que no exterior os correspondentes sejam mais valorizados e prestigiados .

De acordo com as entrevistas, os correspondentes acreditam que estão fazendo um trabalho jornalístico diferenciado das agências de notícias. A maioria deles pretende reportar mais do que o factual, querem ir além da economia e política, além das *hard news*, querem revelar as facetas do cotidiano daquela sociedade estrangeira onde estão imersos por tempo limitado às agendas de suas empresas matrizes. Os correspondentes buscam os valores- notícia que são raramente explícitos e têm que ser encontrados nas entrelinhas. Nesse sentido, procuram produzir matérias de interesse humano que

> "consiste, en un amplio sentido, en el reflejo del modo de ser del hombre, en la presencia de los instintos y pasiones humanas – las nobles y las menos nobles – en el desarrollo de la acción informativa .(...) El lo que del hombre interesa al hombre", Calderon (1970, p. 38)

A ausência de rotinas produtivas em torno da pauta, como ocorre nas redações, obriga o correspondente a criar sua própria rotina. Ele deve ser autônomo para sugerir pautas, mas não pode se abster de consultar as chefias em suas longínquas redações. Ele pode ser beneficiado pelo fuso horário ou bem, trabalhar com o tempo mais apertado, dependendo do país onde está fixado.

Palácios calcula que cerca de 85% das pautas que faz são sugeridas por conta própria: "Toda manhã mando uma espécie de roteiro para mostrar o que está acontecendo e quais matérias vou mandar com quantos caracteres".

Não perder o contato com o país de origem é outra preocupação constante dos correspondentes. "Quando se está há muito tempo no exterior, corre-se o risco de perder o vínculo com seu público e já não enxerga mais características pitorescas do lugar em que vive", disse Francis França, jornalista brasileira que trabalha na rádio alemã *Deutsche Welle*, em entrevista para Rusky (2012, p. 23).

Lannoy não vê problemas com a distância. Acha que a internet está diluindo essa questão. Diz que se mantém em contato contínuo com o Brasil pelas redes sociais e com o própria empresa para a qual trabalha.

Todos os entrevistados concordaram em afirmar que as agências de notícias não são concorrentes, e sim parceiras. "Não temos como competir, sozinho, com uma *Reuters* ou *France Press*. Mas as agências são vistas como fontes de pautas. A notícia da *Reuters* com

certeza vai chegar primeiro ao jornal no Brasil mas eu tenho que procurar o enfoque que me interessa, o que interessa ao meu público", avalia Azevedo.

Segundo Palácios, um fato que acontece em Buenos Aires, divulgado por uma agência americana, por exemplo, é noticiado da mesma forma para o resto do planeta. Não fazem um texto diferenciado para o público brasileiro, para o público do *Estadão*. Eles fazem um texto para ser lido em Pequim e em Nova York. O correspondente dá a notícia explicando para o leitor brasileiro as nuances que lhe interessam.

Trevisan acredita que,

> com a internet, há uma tensão permanente entre as notícias em tempo real e o trabalho que o jornalista fará para o jornal do dia seguinte. É impossível atender bem às duas demandas: alimentar o fluxo de notícias na internet e fazer boas reportagens para o jornal escrito. A menos que trabalhe em uma agência de notícias, acho que a prioridade do correspondente é o "diferencial", para usar um jargão repetido, mas pouco aplicado em nossas redações. (entrevista para a autora).

Para a jornalista, "é muito difícil para um único correspondente competir com a rapidez de agências de notícias como *Reuters* ou *Bloomberg,* que têm dezenas de profissionais em cada praça e farão um trabalho de melhor qualidade no relato imediato dos fatos."

> O correspondente deve investir na análise e na contextualização da notícia, além de buscar reportagens próprias, que apresentem boas histórias ao leitor. O que fazer quando sai o resultado do PIB da China? Mandar um texto para a internet e outro, mais completo, para o jornal? Ou enviar o mesmo texto para ambos? Sinto que os jornais ainda não têm uma receita definida para lidar com essas situações e muitas vezes repetem no veículo impresso o que já foi divulgado online no dia anterior, o que não faz sentido. Acredito que a melhor saída é usar o material de agências de notícias em portais e deixar o correspondente solto para produzir um material de qualidade para o dia seguinte. (entrevista para a autora).

Quanto ao local de trabalho, este varia segundo a empresa jornalística. A *Rede Globo,* por exemplo, tem estruturas de instalações profissionais altamente sofisticadas em todos os países onde está presente. Os correspondentes podem se beneficiar dos estúdios, das tecnologias, das infraestruturas de apoio locais para melhor realizar suas coberturas. Já os correspondentes individuais, como Samy Adghirni, que não dispõe de escritório da empresa que representa, trabalham em casa, com um mínimo de equipamentos. Recebem uma verba

para contratar tradutor e fotógrafo, mas nem sempre é suficiente para cobrir as despesas. Muitas vezes acabam realizando sozinho todas estas tarefas.

O correspondente deve ser também um jornalista multimídia e multiplataforma: escreve, diagrama, publica no jornal impresso, na versão online, fotografa, diagrama, faz *podcast* e manda boletins para o canal de TV quando este existe. E, para completar, tem a obrigação muitas vezes de manter um blog semanal, como todos os correspondentes da *Folha*.

5 considerações finais

Depoimentos, palavras, testemunhos, vivências foram os argumentos que utilizamos para construir esse texto que se propôs a analisar o trabalho do correspondente a partir de uma visão singular do jornalismo. Vimos pelos trechos recortados de matérias jornalísticas (livros, reportagens, blogs, entrevistas) que a figura do correspondente se distingue do trabalho do jornalista de agência de notícias pelo ângulo que aborda a notícia. Ela é rara, singular, analítica, emotiva, engajada. Ir além do factual, núcleo da notícia, para narrar e interpretar a história presente.

Wolton (2010) defende o papel do jornalista como testemunha e mediador dos fatos sociais. Diz ele que os filtros se tornam cada vez mais essenciais. Se, por um lado, o jornalista não tem mais o monopólio da informação, por outro, é ele quem tem o monopólio da "legitimação da informação-notícia", em qualquer mídia. E, para o autor, quanto maior o volume de informação acessível, independente da fonte, mais necessário é a figura do profissional capaz de selecionar, hierarquizar, verificar e criticar.

Quando Genro (1987, p. 90) defende sua teoria segundo a qual o jornalismo é um conhecimento do mundo baseado na singularidade, mas também é uma forma social de conhecimento cristalizado no singular, ele apreende o fenômeno do modo de ser e de fazer jornalismo. Em todos os tempos, atravessando a história, as narrativas jornalísticas registraram a singularidade do mundo pelo olhar dos jornalistas.

Recorro a Robert Fisk (2005, p. 26), o mais premiado correspondente internacional, para encerrar essa reflexão sem encerrar o tema:

> Suponho que, em última instância, os jornalistas tentam – ou deveriam tentar – ser as primeiras testemunhas imparciais da História. Se há alguma razão de nossa existência, no mínimo deveria ser nossa capacidade de informar sobre a

> História à medida que vai acontecendo, de modo que ninguém possa dizer: Não sabíamos, ninguém nos disse nada.

Referências

ADGHIRNI, Samy. Certa manhã em Teerã. Ahmadinejad e seus guindastes da morte. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1. Jul. 2012. Ilustríssima, p. 6.

AGNEZ, Luciane Fassarela. **Notícias do mundo de lá: transformações no trabalhos dos correspondentes internacionais no século XXI** – monografia de qualificação para doutoramento, PPG/FAC, UnB, 2012.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. São Paulo. Companhia das Letras, 1999.

CALDERÓN, Perez. La Informacion audiovisual. Madrid: Imprenta des Ministerio de Información e Turismo, 1970.

FERREIRA,Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira 1974.

FINO, Carlos. **A Guerra ao Vivo**. São Paulo, ed. Berbo, 2003

FISK, Robert. **A Grande Guerra pela Civilização, a Conquista do Oriente Médio**. São Paulo, ed. Planeta, 2005

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide – Para uma Teoria Marxista do Jornalismo.** Porto Alegre: Tchê, 1987

HANNERS, Ulf. **Foreign news: exploring the world of foreign correspondents**. Chicago: Chicago University Press, 2004

HOHENBERG, John. **A grande matéria: Washington, as Nações Unidas, o Mundo**. 1981. In: ELHAJJI, Mohamed; AGUIAR, Pedro. Apostila de Jornalismo Internacional. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

KAPUSCINSKI, Ryszard. **Minhas viagens com Heródoto**: entre a história e o jornalismo. São Paulo,

Companhia das Letras, 2004.

LEAL, Zélia . **Na Casa onde foi preso Jean Moulin**. Zero Hora, Porto Alegre, 20.02.1983, p.33

MACBRIDE, Sean. **Voix mutiples un seul monde.** Paris. Unesco, 1980

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo, Paulus, 2006

NETO, Andrei. **O silêncio contra Muamar Kadafi.** São Paulo. Companhia das Letras, 2012

PEREIRA, F.H e ADGHIRNI, Z.L . O jornalista entre a literatura e a história, in

Jornalismo e Literatura: aventuras da memória. Braga (Portugal): Editora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2012. P 62-67

RUSKY, Renata S. O perfil e a rotina de correspondentes internacionais. Projeto Experimental em Jornalismo. Universidade de Brasilia, fevereiro 2013.

TREVISAN,Cláudia . China, o renascimento do império. São Paulo, Planeta, 2006

UTZERI, Fritz. Do outro lado do mundo. In: RITO, L.; ARAÚJO, M. E.; ALMEIDA, C. J. M. de; Imprensa ao vivo. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 145 – 162.

WOLTON, Dominique. Informar não é comunicar. Porto Alegre: Sulina, 2010.

Outras fontes:

Documentário sobre o jornalista Joel Silveira: "Garrafas ao mar - a víbora manda lembranças", Autor: Geneton Moraes, para a Globonews .

Exibição na Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, em 17.05.2013 em sessão especial para os alunos, pelo realizador do documentário, jornalista Geneton Moraes.

Blog dos correspondentes – Folha de S. Paulo *.orientalissimo.blogfolha.uol.com.br.*

Acesso em 31.05.2013

The plurality of the world from the international correspondent's singular perspective

Abstract

The topic under discussion here can be defined as a reflection between theory and praxis on the manner of carrying out international journalism by Brazilian correspondents associated with important media organizations. This paper seeks to cross-check the plurality of the world of news with a singular reading of current affairs from journalists who are based abroad for professional reasons, such as correspondents or special envoys, working under professional conditions legitimized by corporations for which they provide exclusive news services. The importance of correspondents is highlighted according to the concept of singularity, regarded by Adelmo Genro Filho (1987) as the essence of journalism. In order to substantiate this idea, correspondents were interviewed and parts of their work published in books and newspapers, were cited.

Keywords:

International journalism, correspondent, journalistic singularity

La pluralidad del mundo en la visión de un reportero internacional

Resumen

El tema que presentamos aquí puede ser definido como una reflexión entre la teoría y la práctica acerca de la forma de hacer periodismo internacional de los reporteros brasileños relacionados a las grandes estructuras de los medios de comunicación. Nuestro objetivo en este artículo es atravesar la pluralidad del mundo de las noticias apoyándonos en la lectura singular del presente, narrado por periodistas expatriados por razones profesionales: como Reporteros o enviados especiales, trabajando en condiciones profesionales legitimadas por las empresas a las cuales ofrecen servicios exclusivos de noticias. Destacamos la importancia del reportero a partir del concepto de singularidad, considerado por Adelmo Genro Filho (1987) como parte de la materia prima del periodismo. Para comprobar esa idea, seleccionamos y escuchamos varios reporteros en el exterior (que constituyen una red transfronteriza) y citamos algunos trechos de sus trabajos publicados en libros y diarios/periódicos.

Palabras-clave

Periodismo internacional, reportero, singularidad periodística

Recebido em 05/03/2013
Aceito em 10/06/2013

Copyright (c) 2013 Autor(es) / Copyright (c) 2013 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal. Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.



Selo CC-BY-NC com Direito Autoral_2013